

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

POLIFONIA NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DOS ALUNOS

Maria Vanessa da Silva Soares¹

Estudos da Linguagem

Resumo

Nosso intuito com este artigo é contribuir com as reflexões sobre polifonia. Para isso, analisaremos textos autobiográficos de alunos do ensino fundamental a partir do conceito de polifonia elaborado por Bakhtin. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos a dados obtidos em aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió, em experiências desenvolvidas pelo PIBID em LETRAS/CAPES/UFAL. A análise preliminar dos dados revelou que há diferentes vozes inscritas nos textos dos alunos, provenientes dos contextos dos quais eles participam, atuando significativamente na produção de sentidos da comunicação verbal.

Palavras-chave: polifonia; gênero; dialogismo.

Abstract

Our intention with this article is to contribute to the reflections on polyphony. For this purpose, we will analyze autobiographical texts of elementary students from the concept of polyphony developed by Bakhtin. For this research, we resorted to data from the Portuguese Language classes of elementary education at a public school in the city of Maceió, in experiments carried out by PIBID in LETRAS/ CAPES / UFAL. The preliminary data analysis revealed that there are different voices included in student writing, arising of contexts of which they participate, operating significantly in the production of sense of the verbal communication.

Keywords: polyphony; gender; dialogism.

Introdução

A presente pesquisa objetiva refletir sobre a polifonia nos textos do gênero Diário Pessoal. Nesse sentido, discutiremos a pertinência deste fenômeno para a constituição de sentidos. Segundo Bakhtin (2010, p 4-5), a polifonia é “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis,” cujas vozes são “os próprios sujeitos desse discurso”. Para o autor (2000), a enunciação é essencialmente polifônica, pois é de natureza social, histórica e ideológica, desta feita, compõe a rede complexa de interrelações dialógicas do discurso porque se liga a enunciações anteriores e posteriores num movimento constante de produção e circulação de conhecimentos (BAKHTIN, 2000).

Pensando nisso, analisaremos as marcas polifônicas dos textos dos alunos, observando de que maneira os alunos se apropriam do discurso do outro para produzir significados e se o gênero diário pessoal contribui de alguma maneira para tal construção de sentidos na interação verbal.

Acreditamos que ao inscrever outras vozes em seu discurso, o aluno está utilizando uma das práticas de letramento, contribuindo, assim, para a construção de sua visão de mundo, para construção de sua identidade e para sua formação como um sujeito crítico e reflexivo.

A polifonia constitutiva da linguagem

A análise e a reflexão sobre a polifonia em produções escritas são pertinentes, visto que permitem aos participantes da interação verbal perceber a importância do seu uso e os efeitos de sentido que tal fenômeno exerce na materialidade linguística. Assumindo a língua como uma atividade sócio-histórico-cognitiva, e partindo do pressuposto de que não há possibilidade de comunicação verbal a não ser através de gêneros, adotamos as reflexões de Bakhtin (2000, 2003, 2010) sobre polifonia e linguagem para o desenvolvimento deste artigo.

Bakhtin (2000, 2003) concebe a língua como lugar de interação. Ao falar e/ou escrever, o sujeito imprime ao seu texto marcas da sociedade em que está inserido, do contexto de produção do seu enunciado e também as conjecturas sobre o seu possível interlocutor. Os sujeitos constroem seus discursos a partir de discursos alheios, tendo em vista que “o enunciado é um elo na cadeia comunicativa”, atribuem a eles novos efeitos de sentidos e propagam o dizer do outro na corrente comunicativa, a esse fenômeno Bakhtin (2010) chamou polifonia. Segundo Barros (2004, p.6), “emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes”. É na relação entre o eu e o outro que os sujeitos se constituem histórica e socialmente e que o sentido é construído. O dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, portanto o discurso é marcado pelo dialogismo, por meio da alternância entre os sujeitos que o sujeito interage diretamente com o seu leitor no processo de interlocução e indiretamente através da polifonia.

A polifonia é a presença de vários sujeitos que se marcam ideologicamente no discurso. O sujeito, situado historicamente, é ativo, não está finalizado, ele está em movimento de criação constante. Por esse motivo, uma palavra não pode ser vista como a finalização de uma ideia, mas sim, como uma nova retomada e ressignificação dos sentidos. A polifonia, então, é fator constitutivo da língua e, através dos enunciados, age na construção dos significados na interação verbal.

Os enunciados estão organizados em gêneros que são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, extremamente heterogêneos e classificados por Bakhtin (2003) como primários e secundários. Os gêneros primários (simples) são aqueles elaborados nas circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, como, por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta; e os gêneros secundários (complexos) são aqueles que surgem nas condições de interação, que se apresentam em situações de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e organizado, tal como o artístico, o científico, sociopolítico, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Marcuschi (2002) assume a ideia de que o ensino com base em gêneros ocorra de acordo com aspectos da realidade do aluno. Por isso, entre os gêneros que propiciam uma maior interação com a realidade, escolhemos trabalhar com o gênero Diário Pessoal, pois ele integra o grupo dos gêneros primários e trata de temas conhecidos dos alunos, de fatos do seu cotidiano. Partimos do princípio de

que toda forma de comunicação é sempre dirigida a um outro. Desta forma, o diário torna-se um interlocutor para o sujeito que escreve. No gênero diário, o aluno escreve sobre si, sobre as experiências vividas, relata fatos do cotidiano ou as impressões produzidas por eles, pensamentos, ideias, opiniões, observações, sentimentos, segredos etc. Esse gênero possui uma estrutura mais livre, geralmente é escrito na 1ª pessoa do singular. Os verbos estão no presente e/ou no passado e a linguagem varia de acordo com o locutor, podendo ser formal ou informal, na variedade padrão ou em uma variedade não padrão.

Adotando a noção de polifonia, de Bakhtin (2010); e noção de que os gêneros mais parecem modelos de heterogeneidade enunciativa, de Marcuschi (2002), analisaremos neste artigo os diários de alunos do 9º ano de uma escola pública de Maceió. O objetivo dessa pesquisa é analisar de que maneira eles se apropriam do dizer do outro, fazem deslocamentos, ressignificam os dizeres e produzem efeitos de sentido em seus textos.

Metodologia

Para realizar esta pesquisa, recorreremos a dados obtidos em aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental de uma escola pública, na cidade de Maceió, em experiências desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em LETRAS/CAPES/UFAL. Os textos foram produzidos durante a realização de oficinas de leitura e produção de textos, elaboradas ministradas por alunos da graduação do curso de Letras, intituladas “Tenho lembrança de...” “Um sonho” e “Meu autorretrato”. O motivo da escolha dessas oficinas se deve ao fato de elas terem sido, respectivamente, a primeira, a terceira e a última oficinas aplicadas durante o desenrolar da pesquisa. Após a leitura de textos sobre a temática da oficina e ampla discussão, os alunos produziram textos do gênero Diário Pessoal contando suas experiências acerca do tema trabalhado. Dentre as 159 produções, foram selecionados inicialmente 15 diários e, por fim, chegamos ao total de 5 textos. Os textos selecionados foram aqueles em que percebemos com mais clareza os indícios de polifonia e de subjetividade. Na análise dos dados, optamos por conferir nomes fictícios aos sujeitos envolvidos na pesquisa para resguardar as suas identidades e mantê-los no anonimato.

Análise da polifonia nos diários dos alunos

Buscando refletir sobre o processo de inserção de outras vozes nos textos pelos alunos, analisamos cinco diários. Sendo considerado um dos eventos que caracterizam a comunicação verbal, procuramos identificar, nessas produções, indícios de polifonia.

Texto 1

O meu desenho reflete a minha personalidade que é desenhar mangá. O meu desenho me mostra com uma pasta com desenhos de mangás. Este é o meu estilo. Yosherdatebayo, significado: beleza.

Diário de Leonardo

O texto acima foi produzido durante a realização da oficina “Meu autorretrato”. Entre as atividades desenvolvidas nesta oficina estavam a leitura de um conto. Em seguida, um debate sobre o texto, momento no qual os alunos expuseram suas opiniões a respeito da compreensão do texto e a respeito do tema trabalhado, a elaboração de um autorretrato e, posteriormente, a escrita de um diário.

Neste texto, percebemos que no trecho “*o meu desenho reflete a minha personalidade que é desenhar mangá*” está implícita a voz da professora-bolsista no que diz respeito à orientação da atividade de escrita do diário “*produzam um texto sobre o seu desenho*”. O aluno manifesta-se em relação ao outro, posicionando-se diante da orientação feita pela professora, respondendo-a. O discurso da professora-bolsista encontra-se, pois, atravessado a este texto. Caracterizando-se como um interdiscurso, tonando evidente a polifonia constitutiva de todo texto.

Outro aspecto relevante presente neste diário é o domínio sobre o funcionamento da linguagem que Eduardo demonstra ter ao inscrever em seu discurso uma expressão em outra língua “*Yosherdatebayo, significado: beleza*”. Yosher dattebayo é uma expressão de origem japonesa comumente empregada por admiradores de animes e mangás, desenhos e histórias em quadrinhos japoneses, que não possui um significado literal, os falantes utilizam-na geralmente para enfatizar algo que foi dito. É também utilizada por Naruto, personagem protagonista de um anime de mesmo nome, no fim de suas falas. No desenho esse é um recurso

que confere ao personagem uma marca identitária, visto que ele é o único na animação a fazer uso deste dizer e que os outros personagens têm, cada um, uma expressão própria, utilizada como marca identitária.

Ainda no excerto “*Yosherdatebayo, significado: beleza*”, encontramos a o princípio de alteridade defendido por Bakhtin (2003). Concomitante à voz do anime (*Yosher dattebayo*), está a voz do aluno (*significado: beleza*), que se apropria de um discurso outro e, pressupondo um interlocutor exterior ao seu lugar de enunciação – e, conseqüentemente, um questionamento ao seu discursos, como, por exemplo, “*o que significa Yosher dattebayo*” -, Eduardo constrói um significado para a expressão, deixando impressa no texto a sua marca de autoria, tendo em vista o fato já citado anteriormente da não-existência de significado definido para a frase em questão, revelando o entrecruzamento de vozes e a alternância de sujeitos.

A alternância de sujeitos e o entrecruzamento de vozes estão presentes também no texto de número 2, escrito pela aluna Dayane. Vejamos:

Texto 2

Beleza nacional, estilo patricinha, garota sangue bom, complicada e perfeita. Confusa até dizer basta! Me apego facilmente, me apaixono rapidamente e sofro lentamente, chata para uns, metida para outros, quem tem boca diz o que quer. O ser humano é igual aos animais: só atacam quando se sente ameaçado.

Diário de Dayane

Este é um diário totalmente construído a partir de outros discursos em que se deixam entrever várias vozes do discurso. Ao analisar esse texto, percebemos que Dayane faz uma alusão, logo de início, ao discurso musical. O trecho “*Beleza nacional, estilo patricinha, garota sangue bom, complicada e perfeita.*” É uma retomada de um trecho da música “Mais que perfeita”, da banda Bonde da Stronda: “*Beleza internacional, estilo surfistinha Garota sangue bom, complicada e perfeita*”. Neste excerto, encontramos a resignificação de um discurso que inicialmente era utilizado para descrever a garota pela qual um rapaz nutria sentimentos e, agora, é empregado pela aluna para fazer uma autodescrição. Há, neste excerto, o embate de duas vozes; a voz do autor da música e a voz da aluna que, ao substituir o termo *internacional* pelo *nacional* e o termo *surfistinha* pelo *patricinha*, imprimiu ao enunciado a sua marca de

singularidade, pois escreve no texto as características que percebe como componentes de sua descrição: uma garota de beleza tipicamente brasileira e que se veste com requinte. Assim sendo, para se referir à cena sobre a qual enunciará, Dayane faz referência ao discurso do outro, evidenciando que, para se constituir, ela passa pela consciência do outro.

Ao analisar este diário, verificamos que ele contém a presença dos aspectos polifônicos que ocorrem com maior frequência nos textos, como ditos populares e frases feitas que foram difundidas e legitimadas pelo uso. É esse o caso das expressões *“me apego facilmente, me apaixono rapidamente e sofro lentamente”* e *“chata para uns, metida para outros”* nas quais podemos identificar o discurso da internet. Essas são frases geralmente utilizadas para caracterizar o ‘status’ do sujeito em determinadas redes sociais (Facebook, Orkut, MSN, Tumblr etc.) e que foram empregadas pela aluna com o sentido e o propósito diferentes dessas, e também em um contexto diferente daqueles em que essas frases circulam. Logo em seguida, temos o dito popular *“quem tem boca diz o que quer”*. A aluna faz uso do adágio para contradizer o discurso daqueles que a definem como uma pessoa chata e metida e para legitimar o seu discurso. O ditado é introduzido como forma de representação da sabedoria popular da qual a estudante participa. Com o mesmo intuito foi introduzida a expressão *“o ser humano é igual aos animais: só ataca quando se sente ameaçado”* que é também um adágio, sendo este derivado da frase *“os animais só atacam quando se sentem ameaçados”*, oriunda da Biologia. Essa estratégia de Dayane de maneira explícita expressões massificadas pelo uso social é uma maneira, encontrada pela aluna, de mostrar que o seu modo de agir e pensar corresponde ao ideal da comunidade à qual ela pertence e, assim, justificar seu próprio texto.

A polifonia presente nesse texto justifica-se como sendo da ordem social da aluna que está inserida em uma sociedade heterogênea e globalizada. O seu discurso é perpassado por outros dizeres. Dayane se apropria de vários discursos, ressignificando alguns para que, juntos, produzam em seu texto os efeitos de sentido que ela espera. Esse texto corrobora o argumento de Bakhtin (2003) de que todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado.

Texto 3

Sinto saudades do meu tempo em que ainda possuía meu vídeo-game “MEGA-DRIVE” não tinha um dia que eu não me divertia jogando (SONIC THE HEDGEHOG, KID CHAMELEON, STREETS OF RAGH, GOLDEN AXE, ETC.) mas, infelizmente, ocorreu um curto-circuito na fonte de alimentação do game e acabou pifando. Até saiu fumaça. A única coisa que tenho restando, são os controles e os cartuchos, mas ainda vou comprar outro pra matar as saudades que tenho.

Diário de Ricardo

No texto de Ricardo, é evidente a questão do discurso relatado. O aluno insere na introdução de seu texto o enunciado convencional “*Sinto saudades do meu tempo*” geralmente usado por pessoas adultas para falar acerca de algo referente à sua infância. Ricardo, um adolescente de 13 anos, faz ecoar este discurso nostálgico, inscrevendo-o com a mesma intenção. O aluno ressignifica no seu dizer uma parcela de linguagem escrita do outro, dando legitimidade ao seu texto. O interdiscurso aparece mais uma vez no texto do aluno quando ele escreve “*ocorreu um curto-circuito na fonte de alimentação do game*”. Ricardo se vale de um dizer exterior à sua enunciação para explicar o que o levou a sentir saudade do jogo eletrônico, sentimento descrito no início do texto. Este é um discurso pertencente à área da eletrônica, que pode ter sido proferido pelo técnico que cuidou do conserto de seu aparelho. Talvez o aluno tenha empregado esta expressão por ter pensado no seu interlocutor, que no caso seria a professora, e fez uso de uma linguagem mais técnica para dar notoriedade e veracidade ao seu texto. Tal ato configura o princípio de alteridade do sujeito que apela a um discurso particular para interagir com o seu interlocutor e produzir sentidos.

Já no texto de número 4, temos a inscrição de dizeres de outras áreas, como veremos a seguir.

Texto 4

Eu fiz um brasão porque brasão significa lealdade e justiça. Não sei muito bem o que os outros pensam de mim, mas não me importa. Cada um faz a sua própria história, não depende dos outros para construí-la, mas é sempre bom ter uma imagem boa e ser respeitado e respeitar. Amigos não são pessoas e sim anjos que vêm com lealdade e nos ajudam nas horas mais difíceis.

Diário de Otávio

A polifonia manifestada nesta produção se dá, em parte, através de traços do discurso da história. Isso fica caracterizado pelo objeto citado no texto, o brasão, um símbolo representativo da história de uma instituição, de uma nação, e dotado de ideologias. Ao enunciar *“brasão significa lealdade e justiça”*, Otávio está retomando a descrição dos significados dos elementos de um brasão feita por historiadores, por exemplo, nos livros didáticos: *“no Brasão, a cor azul significa justiça, lealdade”*. O novo efeito de sentido desse dizer encontra-se justamente no fato de, nesse texto, ele ter sido utilizado para representar o aluno. Que se percebe como um sujeito leal e justo, tal qual os elementos constitutivos de um brasão. Outra marca de polifonia do discurso é a frase *“Cada um faz a sua própria história, não depende dos outros para construí-la”*, vista normalmente em textos de autoajuda, textos motivacionais. Neste trecho, o aluno discorda da voz implícita que afirma que *“cada um depende do próximo para construir sua própria história”*, argumentando em sentido contrário. Esse aspecto demonstra que o dialogismo inerente à língua promove a cultura dos sujeitos participantes da interação verbal porque, ao compreender o enunciado do outro, o sujeito reelabora o seu pensamento e o contrapõe, confronta e sugere, pois, como afirma Bakhtin (2003, p. 197) *“cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação verbal”*. E, como último indício de polifonia encontrado no texto, temos a frase *“Amigos não são pessoas e sim anjos que vêm com lealdade e nos ajudam nas horas mais difíceis”*, uma paráfrase do adágio *“amigos não são pessoas e sim anjos que nos ajudam nas horas mais difíceis”*, na qual o aluno reproduz um discurso e deixa uma marca de autoria localizada no trecho *“e sim anjos que vêm com lealdade e nos ajudam nas horas mais”*. O aluno marca a sua personalidade e a sua predileção pela lealdade como característica essencial de um sujeito

Texto 5

Imagina a emoção de ajudar a dar a luz a uma vida, a emoção de cortar um cordão umbilical e além de ser uma profissão linda pelo menos é o que eu acho ainda ganha um bom salário. E eu posso ajudar meus pais e eles terão orgulho de mim.

Diário de Mariana

Outro indício polifônico manifestado frequentemente devido ao uso massificado, conjuntamente com os ditos populares e chavões, como vimos no texto

2, é o uso de frases feitas. Dessa forma, a voz do outro é introduzida no enunciado representado, a sabedoria popular em que o sujeito está inserido, evidenciando o caráter social do enunciado (Bakhtin, 2003).

No diário apresentado acima, para argumentar em favor de sua escolha pela profissão de obstetra, Mariana inscreve em seu texto frases feitas, como “*imagine a emoção de ajudar uma mulher a dar a luz*”, “*imagine a emoção de ajudar uma vida a nascer*” ou ainda “*imagine a emoção de cortar um cordão umbilical*”. Estes são enunciados disseminados através de seu uso constante em textos de grande circulação pertencentes a áreas como a Medicina, a Publicidade e o jornalismo. Trata-se de um discurso de enaltecimento da profissão de médico, mais especificamente de médico obstetra, feito por profissionais da medicina, por anúncios publicitários, por jornalistas que tratam da temática e por admiradores da profissão. Trata-se também de um discurso utilizado por pessoas que não pertencem ao grupo citado, mas que já realizaram um parto e/ou participaram de um, por exemplo, cortando o cordão umbilical. A aluna transforma o enunciado que servia como forma de expressão do sentimento daquele que, em algum momento de sua vida, cortou um cordão umbilical, em uma justificativa para a sua escolha pela profissão da área de obstetrícia. Encontramos nesse texto, de maneira clara, o princípio da alternância dos sujeitos. Ao enunciar “*e além de ser uma profissão linda pelo menos é o que eu acho*” a aluna se coloca no lugar do seu interlocutor e se antecipa a uma possível resposta discordante de sua ideia, que poderia ser “*essa profissão não é linda*” ou “*eu não acho obstetra uma profissão linda*”. Ao realizar esse movimento de alternância dos sujeitos, Mariana deixa emergir em seu discurso uma voz dissonante, que não caracteriza como linda a profissão de obstetra, e responde ativamente a essa voz enunciando “pelo menos é o que eu acho”. Esse movimento feito pela aluna torna nítida a importância do outro no processo de construção de um texto, pois todo enunciado é elaborado em função de uma resposta. “O locutor sempre espera uma compreensão responsiva ativa e o enunciado se constitui para essa resposta esperada” (FIORIN, 2006, p. 178).

Considerações finais

A noção bakhtiniana de polifonia destaca-se pela diversidade, diálogo e conflito de vozes em um texto. Tais vozes se manifestam nas formas de apropriação

e de propagação do discurso alheio. A análise dos textos do gênero Diário Pessoal nos revelou que a polifonia é constitutiva desse gênero e aqui ela se manifesta com mais frequência, visto que esse é um gênero primário, ligado ao cotidiano do aluno, o que confere a este uma maior liberdade para dizer o que pensa – não que isso inexista em outros gêneros –, mas talvez pelo fato de poder falar sobre si mesmo, e de esse gênero se caracterizar como um espaço de projeção do ser, o aluno consiga manifestar individualidade, revelando a sua posição de sujeito e a sua subjetividade, pois a polifonia ocorre quando cada personagem se manifesta com a própria voz, expressando o pensamento individual, tendo em vista que “a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros”. (BAKHTIN, 2003, p. 294). Com isso, podemos afirmar que marcas de polifonia encontradas nos Diários produzidos pelos alunos resultam dos diversos contextos em que eles estão inseridos e evidenciam a história de cada aluno e o seu ponto de vista sobre o mundo.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definições e funcionalidades. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

ⁱ Graduanda em Letras pela Ufal. Bolsista do Projeto “A formação inicial de professores de Língua Portuguesa em contextos de leitura e produção de textos”, (Pibid/Capes/ Ufal/2010-2013) coordenado pela Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos, do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras (Fale) da Ufal. E-mail: mvs_soares@hotmail.com